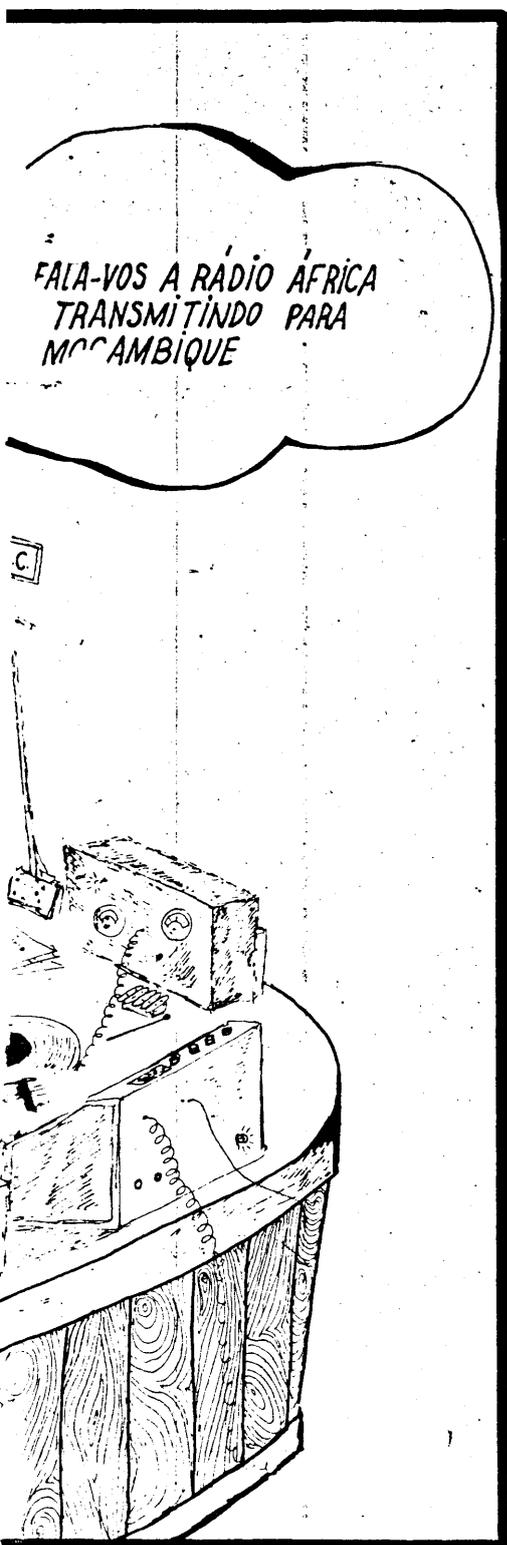


O imperialismo e os seus lacaios

A "VOZ DA ÁFRICA LIVRE" É A



VOZ DO JARDIM E DO AROUCA



Quando há alguns meses começou a ser ouvida no nosso País a chamada «Voz da África Livre» muita gente começou a interrogar-se sobre os seus objectivos, a perguntar que interesses se escondem por detrás desta nova emissora reaccionária e a quem servem as suas mentiras. Mas também houve logo quem a identificasse com a voz do inimigo por saber que está instalada na terra do Smith.

Na realidade, a chamada «Voz da África Livre» representa a voz do inimigo. Mas que inimigo? A primeira resposta que nos surge é que este inimigo se chama imperialismo. Mas dizer só que é o imperialismo é muito vago. Todos sabemos que o imperialismo é um sistema, que é o estádio superior do capitalismo, e que tem os seus agentes, que precisa de agentes que o sustentem. E, neste caso da chamada «Voz da África Livre» os principais agentes do imperialismo são o engenheiro Jorge Jardim e dr. Domingos Arouca.

Certamente não é por acaso que o engenheiro Jorge Jardim e Domingos Arouca aparecem ligados à chamada «Voz da África Livre». Eles são mesmo os principais responsáveis pelo funcionamento daquela emissora montada pelo imperialismo em Gwelo, próximo de Salisbúria, capital da colónia britânica da Rodésia do Sul. E porquê? Porque os interesses de Jardim e Arouca defendem, são os interesses do imperialismo.

O engenheiro Jorge Jardim é bem conhecido do Povo moçambicano desde o tempo colonial em que se definiu como o salazarista convicto e tentou travar a Luta de Libertação Nacional formando o seu exército pessoal, os tristemente famosos «GE's» e «GEP's». O Arouca é um ambicioso latifundiário da região de Inhambane onde possuía grande extensão de terras que foi obrigado a abandonar por imposição das populações, após a vitória da FRELIMO sobre o colo-

nialismo português, o que o levou a abandonar o País.

Mas, para compreendermos melhor as posições destes agentes do inimigo, para compreendermos quais os objectivos que pretendem atingir com as suas mentiras, é preciso conhecermos um pouco do seu passado, é preciso sabermos porque é que aqueles dois homens que ainda não há muito tempo diziam estar do lado do Povo moçambicano atacam agora todas as conquistas da nossa Revolução.

JARDIM:

— UM HOMEM DA ESCOLA DE SALAZAR

O engenheiro Jardim é um homem com uma formação fascista, que adquiriu nos bancos da escola e foi cultivando ao longo dos primeiros anos da sua carreira política até chegar a sub-secretário de Estado, cargo que desempenhou durante o regime de Salazar. Mes-

mo depois de ter abandonado aquele posto governamental e quando já se encontrava em Moçambique as suas relações com o velho ditador, que oprimiu o Povo português durante meio século, foram sempre amistosas. O próprio Jorge Jardim ainda hoje faz questão em recordar esta amizade, talvez por saber melhor do que ninguém que Salazar sempre foi homem que teve poucos colaboradores em quem confiasse abertamente.

Uma vez em Moçambique, onde aparece ligado a grandes interesses económicos como mais adiante veremos, Jorge Jardim revelou-se dos mais acérrimos defensores da guerra colonial. As suas ligações

Poderá parecer estranho que tenham surgido contradições entre Jardim e Caetano, quando se sabe que ambos defendiam os interesses do capitalismo e da burguesia mundial, isto é, do imperialismo. Mas, a explicação é simples: Caetano que nunca tinha conseguido libertar-se da política traçada pelo «mestre» Salazar estava completamente ultrapassado pelos acontecimentos e já não servia os interesses do imperialismo norte-americano e europeu, em virtude de não conseguir uma solução para o «problema colonial»; Jardim apresenta-se nessa ocasião como um «progressista», como o homem capaz de pôr em prática uma «solu-

ro», na mesma época, preconizava também a formação da «Comunidade Lusíada» ao defender uma solução neocolonial para as ex-colónias portuguesas.

Com isto fica bem claro que os interesses defendidos por Jardim são os mesmos que os defendidos por Spínola. Um estava em Moçambique e o outro na Guiné-Bissau mas ambos desempenhavam (como ainda desempenham) o papel de agentes do imperialismo, de que a chamada «Voz da África Livre» é apenas a porta-voz.

AS LIGAÇÕES CAPITALISTAS DE JARDIM

Ao aparecer por detrás da chamada «Voz da África Livre», Jorge Jardim procura criar a confusão e dividir o Povo moçambicano para tentar de novo regressar a Moçambique. Mas, ele não quer voltar só por gostar muito desta terra, como diz. Não. O que ele quer é recuperar os seus privilégios nas dezenas de empresas a que se encontrava ligado, quer por nelas ter investido dinheiro, quer por representar os capitalistas que estavam em Portugal para onde eram enviados os lucros obtidos à custa da exploração dos trabalhadores moçambicanos.

De facto, o engenheiro Jardim encontrava-se ligado a dezenas de empresas. Após ter deixado de servir os interesses do grupo Bulhosa ele aparece ligado ao grupo Champalimaud, ao grupo Abecassis e ao grupo Sá Alves.

Entre outras empresas, ao primeiro daqueles grupos pertenciam o Banco Pinto e Sotto Mayor, Companhia de Cimentos de Moçambique, Cifel, Companhia de Seguros Mundial e Confiança, Consul, Mo-beira, Organização Técnica de Investimentos Moçambicanos, Parceria Marítima do Xai-Xai, Química Geral, Sociedade de Estudos e Investimentos, Somoque, etc.

Ao grupo Abecassis pertenciam a Ermoque e a Luselite de Moçambique e ao grupo Sá Alves a Auto-Viação do Sul do Save, Centro Turístico de Moçambique, Silva e Monteiro, Lda. Tempográfica, União Comercial de Moçambique, Empreendimentos Comerciais e Industriais de Moçambique, Sobrauto, etc. Mas, o engenheiro Jardim estava ainda ligado à Açucareira de Moçambique, Notícias da Beira e Com-

A PRÁTICA DA MENTIRA

No passado dia 26 foram divulgadas as resoluções dos presidentes dos países da linha da frente sobre as propostas conjuntas do imperialismo norte-americano, dos colonialistas ingleses e do regime ilegal de Smith para a capitulação deste e entrega do poder à maioria africana da Rodésia.

As resoluções foram bem claras e inequívocas, a linguagem em que foram divulgadas clara e inequívoca. Dada a sua importância no contexto internacional pertenceram-lhe o destaque de primeira notícia em todos os noticiários internacionais.

Pois, até essa notícia as vozes quizumba tiveram a desfaçatez de deturpar. Por exemplo a notícia dada pelos reaccionários da chamada «Voz da América» (no seu noticiário «para os países de expressão portuguesa» das 00.30 horas locais do dia 27) — que apesar disso também abria o noticiário — foi que «o congresso americano se congratulava com a decisão dos países negros do sul de África terem aceite as propostas de Kissinger e Smith». Mais adiante eram também deturpadas declarações do Presidente Nyerere.

Para manter a prática de mentir, caluniam as decisões dos cinco presidentes, caluniam e põem a ridículo o próprio Congresso america-

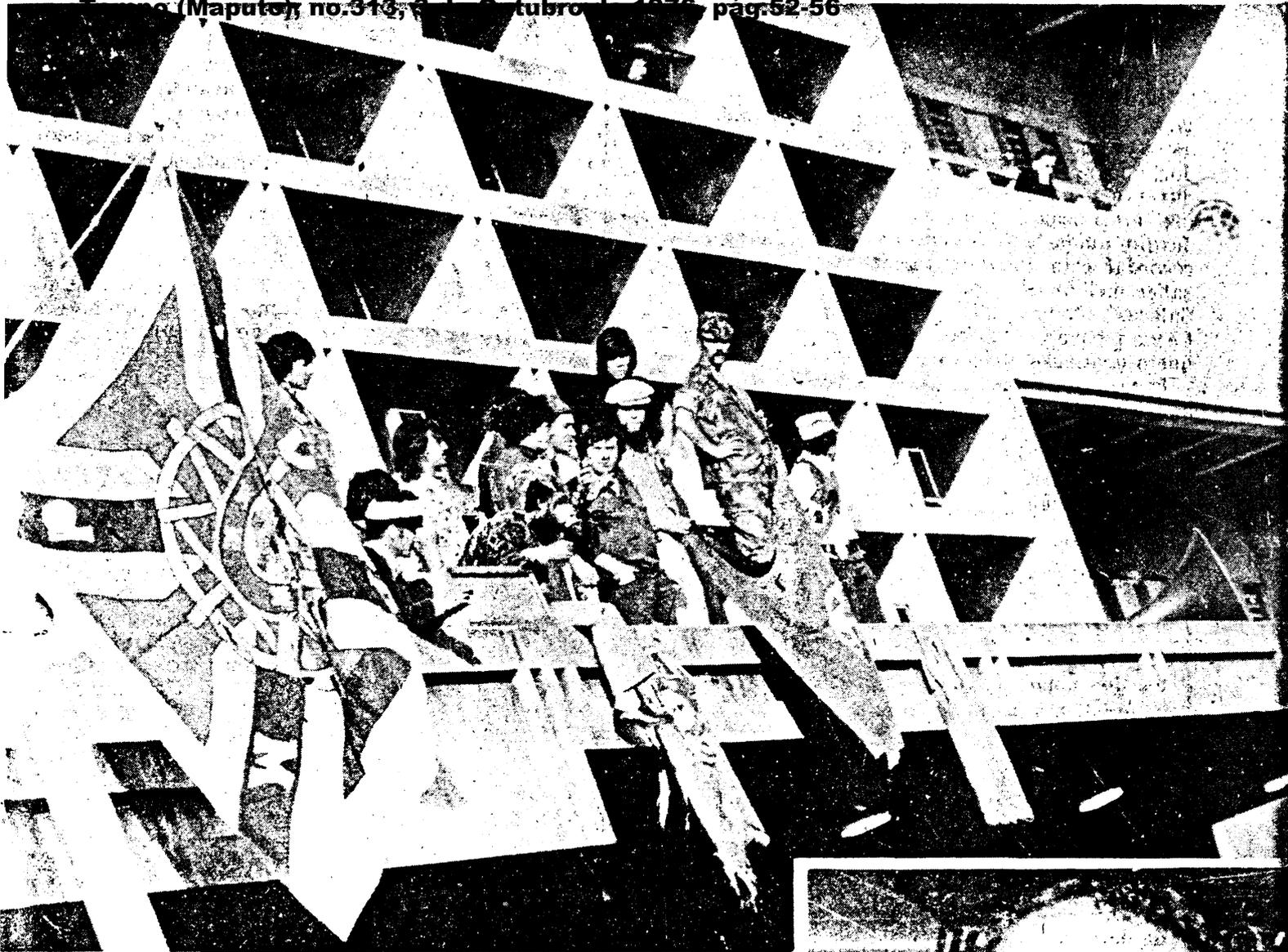
no...

com os generais do exército colonial são bem conhecidas, especialmente com Kaulza de Arriaga, outro fascista da escola de Salazar.

Porém,, a evolução da Luta Armada de Libertação Nacional conduzida pela FRELIMO levou-o a compreender que Portugal não tinha qualquer hipótese de sair vitorioso de uma guerra que nunca quis evitar. É então que começam a surgir divergências com Marcelo Caetano outro homem que tinha sido ministro no tempo de Salazar, cuja política seguiu cegamente até ser derrubado em 25 de Abril de 1974.

ção» negociada (leia-se neocolonial), como interessava ao imperialismo, tentando vender o seu plano que viria a ficar conhecido como o «Programa de Lusaka».

Caetano não aceitou esta hipótese, o que muito desgostou Jardim, como se depreende na leitura do livro que recentemente editou em Lisboa com o título «Moçambique Terra Queimada» onde a determinado passo manifesta a sua mágoa por se ter desprezado a «Comunidade Lusíada». Recorde-se a propósito, que já Spínola ao escrever o seu «Portugal e o Futu-



Engenheiro Jorge Jardim (ao lado) perigoso agente do imperialismo saído da escola de Salazar, presentemente ligado à chamada «Voz da África Livre» onde trabalham pides e comandos que assaltaram o então Rádio Clube de Moçambique em 7 de Setembro de 1974 (foto de cima), acção que fazia parte de um plano com o apoio de Spínola para instaurar em Moçambique um governo neocolonial minoritário do tipo do que Smith ainda mantém na colónia britânica da Rodésia do Sul.

para a Editora de Moçambique, de cujo conselho editorial fazia parte juntamente com Miguel Murupa, director da FRELIMO e hoje também ligado à chamada «Voz da África Livre».

São também conhecidas as relações do Jardim com o dr. Banda, Presidente do Malawi, com oficiais reaccionários portugueses como Alpoim Galvão, Casanova Ferreira, Spínola, e mais recentemente com os principais «dirigentes» dos partidos fantoches formados em Moçambique depois da vitória da FRELIMO, especialmente o GUMO de Joana Simeão.

A DUPLA JARDIM-AROUCA

Habitado como estava a mobilizar as atenções dos que o rodea-

vam, para o que montou todo um «esquema» publicitário à volta incluindo a organização dos concursos de «misses» para obter mais prestígio internacional, Jardim continua a ter boa «aceitação» na imprensa reaccionária, principalmente a portuguesa e sul-africana, que preenchem largos espaços com as suas declarações fantasiosas. Não contente com tudo isto, ele surge agora também ligado ao ex-latifundiários de Inhambane, dr. Domingos Arouca, outra controversa figura política que depois de se definir como lutador anti-fascista e, posteriormente, defensor da FRELIMO surge agora como inimigo declarado do Povo moçambicano por ter compreendido que já não



tinha qualquer possibilidade de continuar a exploração a que se tinha habituado no tempo colonial.

Após o 25 de Abril em Portugal, Arouca não esconde a sua simpatia pela FRELIMO. Numa alocução proferida através do então Rádio Clube de Moçambique, ele afirma, em 18 de Agosto de 1974: «Só a seiva revolucionária da FRELIMO poderá conduzir o nosso povo à reconstrução da terra e, por esse motivo, urge proceder honestamente e sem subterfúgios à imediata trans-

se a Portugal, nunca mais regressando a Moçambique.

Desde aquela data, Domingos Arouca passa a ser objecto da curiosidade da imprensa reaccionária portuguesa que passa publicar as suas declarações, as suas palavras de hostilidade à vanguarda do Povo Moçambicano—a FRELIMO. Ele não tinha conseguido com as suas palavras de apoio à FRELIMO continuar a ser «senhor» de terras, não tinha conseguido pôr em prática o seu plano pessoal pa-

África Livre». Mas com eles, solidários nas suas campanhas de mentiras, de boatos e de calúnias, estão outras figuras bem conhecidas como Gwengere e Murupa, que depois de desertarem da FRELIMO se aliaram ao colonialismo português. Pires de Carvalho, ex-director da Mina de Mavúsi, em Tete, também fiel servidor do colonial-fascismo, além de ex-pides e comandos directamente implicados na tomada do então Rádio Clube de Moçambique, em 7 de Setembro de 1974. Um dos locutores do programa é João Maria Tudela, que saiu de Moçambique em 1965, e se revelou um dos homens de confiança de Jorge Jardim, cujos interesses defendeu em Lisboa, antes de ser expulso de Portugal pelo COP CON que o acusou de ligações com a ex-PIDE/DGS.

Mas, estes são apenas os agentes visíveis do imperialismo, os representantes directos do imperialismo norte-americano. Por detrás deles está a CIA, financiando a chamada «Voz da África Livre» e executando os planos das emissões que os referidos agentes põem em prática.

Mas, o que pretende esta emissora reaccionária ao atacar o Presidente da FRELIMO e da República Popular de Moçambique, os membros do Comité Central e do Governo, as Aldeias Comunais, as nacionalizações, a Informação moçambicana, os Grupos Dinamizadores e todas as conquistas do Povo moçambicano, assim como os presidentes e personalidades de países amigos que sempre nos ajudaram durante a Luta de Libertação Nacional e nos apoiam agora na fase de Reconstrução Nacional?

Como está bem provado, pretende apenas criar a confusão junto do Povo, criar o descrédito dos governantes, provocar a sua separação das massas, abrir brechas no nosso seio para poder infiltrar os seus agentes—estés mesmos agentes que já identificamos e que estão «tristes» por terem perdido os seus privilégios, as suas empresas, os seus prédios, as suas terras. E eles estão a tentar dividir-nos, enfraquecer-nos, para poderem regressar e continuarem a sua exploração.



missão de poderes para aqueles que verdadeiramente servem os interesses do povo moçambicano». É sempre dentro desta linha de pensamento que Arouca fala várias vezes na rádio e em reuniões públicas, pois «a nação já se escolheu a si própria — e escolheu a FRELIMO». Porém, as coisas começam a correr mal, Arouca não consegue «intensificar a plantação de coqueiros na minha propriedade», como tinha projectada fazer, e em Novembro de 1974 desloca-

ra continuar a exploração em Moçambique. Por isso passou-se para o lado do inimigo, passou-se para o lado dos exploradores, juntou-se a Jorge Jardim e a outros reaccionários na chamada «Voz da África Livre».

OS OUTROS AGENTES DO IMPERIALISMO

Jardim e Arouca são dois dos agentes do imperialismo que estão por detrás da chamada «Voz da